



ALDA ÑANDESI: KUÑA TENDOTA MBARETE

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4142

Marlene Ricardi de Souza, UFGD

Resumo

Esse breve ensaio se refere à mulher indígena, mais especificamente à Dona Alda Silva, mulher Kaiowá, Kuña tendota mbarete. As mulheres indígenas durante séculos de dominação foram invisibilizadas, destituídas de sua história, porém, resistiram e resistem em seus caminhos e nas estratégias de luta e sobrevivência. O presente artigo é parte do projeto de pesquisa de mestrado em História, na Universidade Federal da Grande Dourados, cuja linha de pesquisa é em História Indígena, (2017), ainda no início com o título: **As Transformações no Modo de Ser Mulher Guarani em MS no Cenário de Profundas Transformações no Território, na Organização Social e nas Formas de Sustentabilidade (1960-2017)**. O artigo remete as agradáveis conversas com Dona Alda, sobre sua vida, seu olhar sobre si mesma, e em relação às mulheres indígenas da sua comunidade. O diálogo ora proposto, trazendo Dona Alda tem o objetivo de contribuir para na reflexão da história e trajetória de vida das mulheres indígenas no estado do Mato Grosso do Sul. Dona Alda é rezadora, liderança na Aldeia Jaguapiru de Dourados, uma das principais articuladoras da Grande Assembleia das Mulheres Kaiowá e Guarani, Aty Kuña. Essa senhora nos leva a percorrer os seus caminhos, com altivez e segurança de mulher guerreira, junto ao grupo das mulheres que produzem artesanato e alimentos, junto às mulheres viúvas, em situação de vulnerabilidade, para as quais dedica cuidado e atenção. Dona Alda, Kuña tendota mbarete, mulher forte, mulher guerreira.

Palavras Chave:

Mulher indígena;
liderança; guerreira;
rezadora.

Introdução

O Mato grosso do Sul é o estado brasileiro com a segunda maior população indígena, e uma das unidades da federação que mais viola os direitos humanos e constitucionais dos povos indígenas que aqui habitam. A espoliação, a violência e as violações são uma constante há muitos séculos e continua a acontecer nos dias de hoje. Os Kaiowá e Guarani presentes no sul do estado e nos municípios em áreas de fronteira são os mais afetados por essa prática de violências, assassinatos e expropriação dos seus territórios ancestrais. Nesse contexto, as mulheres indígenas sofrem muitas privações, perseguições e violências. Todavia continuam a sua peregrinação e luta em suas aldeias, nas áreas de retomada onde está o seu território de pertencimento: o seu Tekohá. A invisibilidade das vidas vividas por essas mulheres, rezadoras (Ñandesí), as quais são lideranças religiosas de suas comunidades, respeitadas por seu povo pela sabedoria, conhecimento e relação com a espiritualidade de seus ancestrais e, ainda dado o grau de responsabilidade e respeito com as lutas de suas comunidades, são lideranças nas áreas de retomada.

As mulheres indígenas são diretamente atingidas pelo conflito das áreas que reivindicam, conflito de confronto direto com os “ditos” proprietários devido à apropriação do latifúndio dos territórios indígenas do Mato Grosso do Sul. As mulheres indígenas do Mato Grosso do Sul se mobilizam na luta pela demarcação das terras e assumem as bandeiras das políticas públicas na perspectiva de seu modo de ser e viver construindo caminhos outrora inimagináveis por seus antepassados. Nesse contexto, é indispensável entender o papel da mulher indígena em seus espaços de luta e pertencimento. A mulher Kaiowá e Guarani tem vivido e sobrevivido em aldeias de áreas diminutas, muito aquém das necessidades de reprodução do seu modo de vida,

assegurado na Constituição Federal de 1988 no artigo 231, onde está disposto que aos povos indígenas: “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.

As mulheres indígenas no Mato Grosso do Sul são invisibilizadas pelas instituições públicas e estão destituídas de seus direitos fundamentais. A desagregação da cultura advém - de acordo com Dona Alda, que é quem dialoga conosco - da entrada nas comunidades indígenas de elementos alheios a sua cultura como o alcoolismo, drogas, problemas que foram impostos a essas comunidades. A discriminação e o preconceito étnico são uma constante na vida das mulheres Kaiowá e Guarani, e aqueles que praticam o preconceito, alegam problemas de competências institucionais, de jurisdição: que questão indígena é da alçada do governo federal, ou seja, da União.

Objetivos

Dentre os objetivos desse artigo, bem como da dissertação em construção, a visibilidade da mulher indígena é fator fundamental. Apresentar Dona Alda, dando ênfase aos seus conhecimentos, sua trajetória de vida e luta, sua solidariedade junto ao seu povo, aos seus valores e religiosidade entre outros elementos considerados importantes por uma guerreira Kaiowá.

As mulheres indígenas Kaiowá e Guarani e suas estratégias de luta e sobrevivência

Os caminhos percorridos pelas mulheres Kaiowá e guarani no século XXI se entrelaçam e se contrapõem a muitos elementos da sua organização social e está longe de ser compreendido pela sociedade não indígena. Sobre o caminhar e o modo

de ser e viver das mulheres Guarani e Kaiowá SERAGUZA (2013, p.164) afirma o que segue:

“A ocupação desses caminhos pelas mulheres reflete alguns realocamentos na organização social Kaiowá e Guarani. Fabricar corpos e conceber pessoas são necessidades constantes entre os homens e mulheres Kaiowá e Guarani: porém construir caminhos outros são necessidades oriundas de uma sociedade em contato direto com outra, que, se não houver resistência, a devora e a dilacera. Fazer outros caminhos é uma maneira de resistência do modo de ser e de viver destes Kaiowá e Guarani. São por estes caminhos que seguem as professoras indígenas, as conhecedoras dos remédios do mato, as mulheres solteiras remuneradas, as jogadoras de futebol, as xamãs, as jekoha, as estudantes, as parteiras, as políticas, as enfermeiras, as faxineiras, merendeiras, as líderes, as trabalhadoras de uma maneira geral. (...)”.

Esse breve ensaio se refere à mulher indígena, mais especificamente à Dona Alda Silva, mulher Kaiowá, Kuña tendota mbarete. As mulheres indígenas durante esses séculos de colonização foram e são invisibilizadas, destituídas de sua história e protagonismo. Dessa maneira, o presente artigo faz parte, é parte do projeto de pesquisa de mestrado (2017), em andamento/ construção, cujo tema é as Transformações ocorridas na vida das Mulheres Kaiowá e Guarani do estado de Mato Grosso do Sul, nos últimos quarenta anos, tendo como marco da Constituição Federal de 1988, a Constituição cidadã. O projeto de pesquisa está engatinhando e, este artigo é resultado das inúmeras e longas conversas com Dona Alda, sobre sua vida, seu olhar à respeito de si mesma, e em relação às mulheres indígenas da sua comunidade, a Aldeia Jaguapiru de Dourados, do Mato Grosso do Sul.

O diálogo ora proposto, trazendo Dona Alda para essa discussão e análise tem o objetivo de contribuir para a análise e reflexão sobre a história e trajetória de vida das mulheres indígenas no estado do Mato Grosso do Sul. Dona Alda é rezadora, liderança em sua comunidade, a Aldeia Jaguapiru de Dourados, é também uma das principais articuladoras da Grande Assembleia das Mulheres Kaiowá e Guarani, Aty Kuña.

É nesse sentido, nessa dinâmica que a Aty Kuña se movimenta, realizada e encarnada em algum tipo de interação local e vivida (LATOUR, 2012. p. 245). As mulheres Guarani e Kaiowá estão mobilizadas e incrustadas numa articulação, num caminhar que as remetem a um constante desafio e enfrentamento de uma realidade difícil, adversa, mas com possibilidades de estratégias reais que ousam romper a invisibilidade e a pecha de “coitadas”, “vulneráveis” que lhes foram e são atribuídas.

No presente artigo, Dona Alda nos leva a percorrer os seus caminhos, com altivez e segurança de mulher guerreira, firme em seus propósitos e luta junto à Associação dos Pequenos agricultores indígenas de sua aldeia, às centenas de mulheres e crianças em seu território ouvindo propostas, debatendo soluções para os diversos problemas enfrentados pela comunidade: propondo e sugerindo soluções conjuntas, organizando campanhas, em defesa das mulheres, contra as violências às quais são submetidas, apoiando a retomadas do seu povo dos territórios tradicionais/ ancestrais, as Tekohá.

Escrever com as mulheres indígenas é um grande desafio, uma tarefa ousada e ao mesmo tempo extraordinária. Em realidade, transcrevemos, somos ferramenta para trazer a público a história de vida, o caminhar incessante, incansável em defesa do seu povo, das mulheres Kaiowá e Guarani na pequena e ao mesmo tempo imensa Terra Indígena de

Dourados. Aldeia esta, dentro da cidade, esquecida, desmerecida, desrespeitada. Essas aldeias, Jaguapiru e Bororó, imersas em problemas tão antigos e ao mesmo tempo novos, atuais; atualíssimos, diga-se de passagem.

Problemas difíceis de resolver dada a complexidade das intervenções/interferências perpetradas por não indígenas dentro da comunidade e tão altivamente enfrentados por uma de suas Ñandesis mais ilustres, Dona Alda.

Em que pese as agruras, encontramos em Dona Alda, um sorriso no rosto a nos receber, a mulher que luta diuturnamente pela garantia que seu povo tenha sempre dignidade, a esperança das mulheres que se articulam e se movimentam em torno de Alda. Mulheres que retiram da mais profunda e sagrada entranha ancestral, especialmente ao se tratar de uma Ñandesi, o cuidado, o respeito, a dedicação à mãe terra, à organização local, a articulação regional, municipal, estadual. Dona Alda que aqui apresentamos é Kaiowá, companheira, parceira, articuladora, mãe, esposa, acolhedora. Alda Ñandesi: Kuña guerreira, lutadora. Tendota mbarete.

As políticas ameríndias sob o olhar de uma ñandesi

Cheguei à casa da Dona Alda de manhã e ela estava atendendo uma mulher não indígena, que fora buscar ajuda espiritual, ela estava benzendo a tal mulher. Fiquei pensando será que essa pessoa e a favor dos povos indígenas? Ou será indiferente? Fiquei matutando enquanto a aguardava, refletindo e se fosse contra a demarcação? Xenofóbica? Preconceituosa?

Não posso responder sobre essas minhas inquietações, mas posso afirmar que Dona Alda não expressou nenhuma preocupação, não esboçou nenhum comentário. Percebi mais uma vez a sua grandeza de caráter a sua imensa força interior. A força que move essa mulher e

indescritível, não é possível mensurar. Pois bem, convidou-me pra sentar ofereceu um tereré e começamos a nossa prosa. Ela relatou as dificuldades que as mulheres tem enfrentado todos os dias nas aldeias de Dourados. As questões ambientais, a degradação do território, o colônio que invade e endurece o solo. O veneno que é aplicado indiscriminadamente nas lavouras do entorno. Nas plantações dos arrendatários, isso mesmo arrendatários colados na porção de terra que está destinada ao cultivo da família da Dona Alda. Esse relato nos impõe muitos desafios e possibilidades como também gera muita indignação. A escassez de alimentos dentro das reservas, pois não se trata de um caso isolado, específico das aldeias de Dourados. As políticas públicas voltadas a pequena produção manipulada por alguns grupos ligados aos políticos anti-indígenas locais. Equipamentos e distribuição de óleo e sementes para grupos familiares específicos, não atendendo toda a comunidade, nem todas as famílias que querem plantar uma roça.

O atendimento a saúde está muito prejudicado, precário mesmo. O problema com relação ao atendimento a saúde indígena tem sido amplamente debatido, denunciado as negligências. Reclamam da falta de atenção e respeito para com as mulheres gestantes e no atendimento ao parto. Dona Alda fala da medicina tradicional, das denúncias feitas nas ATY KUNA sobre a proibição imposta por médicos alopatas a utilização dos remédios tradicionais. “Isso é um desrespeito a nossa cultura, ao conhecimento que me foi passado pelos mais velhos, minha ‘vó’, minha mãe, minha tia”, desabafa. Naquele dia, muito mais cedo, de madrugada talvez, Dona Alda tinha estado a cata de remédios naturais, raízes, folhas, brotos, tubérculos, encontrados especialmente no brejo, longe da Aldeia Jaguapiru, naturalmente. Afinal, não tem mais córrego, os regos d’água que existem estão contaminados pelo agrotóxico. Nessa manhã tive lições

grandiosas, um aprendizado valioso, sobretudo em relação ao nosso corpo, ao corpo da mulher e a contracepção. É possível ainda, tomar remédio caseiro, ou fitoterápico, na linguagem do não índio, para “evitar”, para “não ter mais” na fala amável, sensata e tranquila de Dona Alda. Raízes como o “barbante amarelo”, nas palavras dela “Esse eu tenho mais ciúme desses dois” se referindo a duas raízes, uma delas chamada “barbante amarelo” e a outra de nome indígena, muito parecida com o barbante amarelo, sendo raiz bem mais curta que o barbante amarelo. Plantas, não apenas essas as quais me referi por agora, que Dona Alda me descreveu como essenciais para “evitação”, dor de barriga, coração, menopausa e rins. Trago apenas alguns exemplos aqui. No entanto, me foram apresentadas dezenas de plantas medicinais, com cheiro e aroma específicos e bastante agradáveis ao sabor e aos olhos. Partilhou que muitas vezes anda mais de 15 km em busca de remédio, que vai até a área da vazante do Rio Dourados, ou em brejos de córregos no entorno da cidade de Dourados. Relatou ainda que sempre outras mulheres a acompanham, aquelas que têm interesse em conhecer as plantas medicinais e quais doenças tratar. Disse ainda que tem índio e índia que não conhece os remédios naturais e que essa situação a deixa entristecida.

Durante nossa conversa o cacique Getúlio, seu esposo, saiu para buscar o neto na escola e qual foi a minha surpresa, a criança estuda no município vizinho, Itaporã. Indaguei Dona Alda sobre essa situação e ela me disse que são muitas dezenas de crianças estudando na escola de Itaporã, por falta de vaga na escola pública da aldeia onde residem. Isso nos remete a reelaborar, repensar a política da educação escolar indígena, a qual já obteve muitos avanços, mas precisa avançar ainda mais para que possa garantir acesso a todas as crianças da aldeia.

Dona Alda falou da

mobilização das mulheres, da organização e articulação das mesmas, em torno da Aty Kuña, a Grande Assembleia das Mulheres Guarani e Kaiowá. Uma atividade ímpar, única, idealizada e organizada pelas lideranças religiosas mulheres, as rezadoras, as ñandesy, as professoras, as lideranças de áreas de retomada entre outras mulheres indígenas que estão na luta e na resistência. Essa atividade, esse encontro, reúne as mulheres de todas as aldeias Guarani e Kaiowá do estado e são convidadas também mulheres indígenas de todo o país e de outros povos daqui do estado. Dona Alda falou da alegria em participar e fazer parte do Conselho da Aty Kuña que reúne e congrega as lideranças tradicionais das mulheres, suas práticas, conhecimentos, tradições e articulações políticas internas e externas são discutidas, avaliadas e aprimoradas nas reuniões do Conselho da Ay Kunã.

Levi Marques Pereira (1999), antropólogo estudioso dos Kaiowá e Guarani, afirma que para pensar as relações de gênero nestes coletivos étnicos, é imperativo compreender o envolvimento das mulheres com “arranjos matrimoniais” e conflitos políticos internos. Ou seja, a mulher Guarani e Kaiowá ocupa espaços autônomos de importantes interações, decisões, colaborações em suas aldeias e/ ou comunidades. Essas mulheres, através de seus modos de ser e viver, expressam, vivenciam experiências com humanos e não humanos na produção da vida social (SERAGUZA, p. 11 – 12).

Resultados

O que é possível esperar como resultado de um ensaio como este dentro de uma pesquisa junto às mulheres Kaiowá e Guarani é que através da escrita da história de vida dessas mulheres possamos dar visibilidade às suas lutas, à suas existências. Como pessoas humanas vítimas da colonialidade, da expropriação, da negação de sua alteridade, torna-se necessário conhecer, dialogar e refletir

sobre nossa negligência em relação aos saberes e caminhar das mulheres indígenas do sul do estado de Mato Grosso do Sul.

Considerações finais

Ainda resta um longo caminho a percorrer na pesquisa junto as mulheres Guarani, mas tenho certo que continuará sendo um grande e profícuo aprendizado e um compartilhar de experiências e vidas vividas com dignidade, respeito a natureza, aos seres que habitam a terra mãe, sejam eles humanos ou não humanos. Os encontros com Dona Alda não são recentes, são fruto de algumas experiências pessoais como gestora pública e assessora parlamentar divididos nos meus quase trinta anos de funcionária pública estadual. Em meio às devastações, ao uso de agrotóxicos nas lavouras de dentro e no entorno da aldeia, aos conflitos territoriais, está Dona Alda. Uma mulher indígena do grupo tradicional da

aldeia, uma mulher que pratica os rituais da religiosidade Kaiowá, atenta e cuidadosa na preservação dos costumes, da cultura e dos saberes indígenas na aldeia Jaguapiru de Dourados, Mato Grosso do Sul. Alda Nãndesi: Kuña tendota mbarete: mulher forte, mulher guerreira.

Referências

LATOURET, Bruno. **Jamais fomos modernos**: 1994 Ed. 34 UFRGS.

Reagregando o Social. Uma Introdução à Teoria do Ator-Rede Salvador, Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: EDUSC. 2012.

PEREIRA, Levi M. **Parentesco e Organização Social Kaiowá** – Dissertação de Mestrado Out. 1999 Campinas SP.

PEREIRA, Levi M. **Demarcação de Terras Kaiowá e Guarani em MS: Ocupação tradicional, reordenamentos organizacionais e gestão territorial** – Tellus, ano 10 n° 13, p. 115-137, jan/jun. 2010 – Campo Grande – MS.

SERAGUZA, Lauriene. **Cosmos, Corpos e mulheres Kaiowá e Guarani de AÑA A KUÑA** – Dourados MS: UFGD, 2013.